

## Realismo especulativo, comunicação e a lula-vampiro do inferno

*Speculative Realism, Communication and the Vampire Squid from Hell*

### Erick Felinto

Professor associado do programa de pós-graduação em comunicação da UERJ e pesquisador do CNPq. Em sua produção bibliográfica destacam-se *A Religião das Máquinas: Ensaio sobre o Imaginário da Cibercultura* (Sulina, 2005) e *O Explorador de Abismos: Vilém Flusser e o Pós-Humanismo* (Paulus, com Lucia Santaella, 2012). Além de diversos livros e artigos sobre cibercultura, cinema, estudos literários e teoria da comunicação, Felinto foi colaborador e tradutor (alemão-português) da obra Flusseriana, o dicionário trilingue de conceitos de Vilém Flusser editado pelo Centro de Arte-Mídia de Karlsruhe (Flusseriana, Univocal, 2015).

E-mail: erickfelinto@gmail.com

Submetido em 10/06/2018

Aceito em 02/07/2018

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar as causas do rápido êxito intelectual do realismo especulativo, ao mesmo tempo em que se sugere algumas justificativas para uma aproximação entre os estudos de comunicação e o jovem movimento filosófico. Nesse processo, aborda-se ainda os curiosos vínculos que permitiriam aproximar o pensador checo-brasileiro Vilém Flusser (em especial por meio de sua obra *Vampyroteuthis Infernalis*) ao realismo especulativo e à ontologia dirigida aos objetos.

**Palavras-chave:** *Realismo Especulativo; Comunicação; Vilém Flusser.*

### ABSTRACT

The goal of this work is to investigate the reasons for Speculative Realism's quick intellectual success, while also suggesting some rationales for an approximation between communication studies and the young philosophical movement. Along the way, we also approach the intriguing associations that allow us to connect the Czech-Brazilian thinker Vilém Flusser (more specifically, by means of his work *Vampyroteuthis Infernalis*) with Speculative Realism and Object-Oriented Ontology.

**Keywords:** *Speculative Realism; Communication; Vilém Flusser.*

O êxito de uma ideia ou de uma voga intelectual deve sempre ser encarado com cuidados. Afinal, somente a prova do tempo, de uma longa duração, pode definir com alguma certeza a eficácia e utilidade de um conceito ou teoria. Entretanto, é sempre interessante tentar compreender as causas da ascensão e queda das ideias. Esse movimento é indicativo do conjunto de valores normativos que regem uma cultura e do imaginário no qual ela está mergulhada. Analisar essa dinâmica nos dá pistas importantes sobre os mecanismos de funcionamento da sociedade e suas instituições. No caso do chamado “Realismo Especulativo”, independentemente do que se possa pensar sobre suas teses e proposições específicas, chama atenção a rapidez com que foi absorvido no debate público<sup>1</sup>. Se ainda se encontra certa resistência ao movimento em departamentos de filosofia em universidades norte-americanas ou europeias, seu estrondoso sucesso em espaços “alternativos”, como a *blogosfera*, é digno de interesse. O que proponho fazer neste artigo é oferecer algumas pistas sobre as razões desse sucesso, e, ao mesmo tempo, sugerir porque o realismo especulativo e a ontologia dirigida aos objetos poderiam se revestir de interesse específico para o campo de estudos da comunicação.

Segundo relatos de seus próprios fundadores, o movimento teria tido início em abril de 2007, quando Ray Brassier, Iain Hamilton Grant, Graham Harman e Quentin Meillassoux apresentaram uma série de palestras sob a égide do termo “Realismo Especulativo” no Goldsmith’s College da Universidade de Londres. Como toda história de origem, também esta é cercada de mitos e incertezas, mas importa menos saber os detalhes da gênese do que atentar para a velocidade com que seus propositores tomaram de assalto os ambientes online. De fato, recordo claramente o espanto com que me defrontei, em 2009, após meu primeiro contato com as ideias do movimento (pela leitura de *Guerrilla metaphysics* (2005), de Graham Harman), com a variedade de espaços online nos quais já se iniciavam debates acalorados sobre o realismo especulativo e a ontologia dirigida aos objetos (*object-oriented ontology*, ou OOO). Como explicam Bryant, Srnicek e Harman, o uso de plataformas online foi fundamental para a difusão eficaz das propostas do realismo especulativo:

---

<sup>1</sup> Uso aqui o termo “debate público” plenamente consciente de que se trata de temas e problemas de interesse de um público eminentemente acadêmico e, portanto, bastante limitado numericamente. Todavia, vale assinalar que a popularidade do realismo especulativo atravessa hoje fronteiras disciplinares, manifestando-se em nichos tão diversos quanto a arquitetura, as artes, a filosofia, o design e mesmo os estudos de comunicação.

o rápido ritmo da existência online também estabelece um marcado contraste com os períodos de longa espera típicos das publicações acadêmicas com revisão de pares e das editoras tradicionais [...] O mundo online alterou rapidamente o terreno intelectual, e parece ser uma aposta justa dizer que a experimentação mal começou (2011, p. 6-7).

Este é um dado de interesse em si mesmo. O fato de que densos e obscuros debates filosóficos possam mobilizar tantas atenções, de um modo tão intenso e rápido, pode parecer espantoso para quem conhece a lentidão e o fechamento típicos das discussões acadêmicas, especialmente no domínio da filosofia. Não é casual, portanto, que as origens do realismo especulativo estejam intimamente entrelaçadas a blogs e fóruns de discussão online. Trata-se de um grupo de pensadores relativamente jovens, muitas vezes mais dedicados a publicar posts em seus blogs pessoais que a debruçar-se sobre a elaboração de longos tratados filosóficos. De fato, a velocidade com que Graham Harman produz libelos, pequenos livros introdutórios e aplicações de suas teses a campos e autores específicos possivelmente assusta os que defendem o paciente e demorado labor do pensamento. No pós-escrito ao trabalho acidamente crítico de Pete Wolfendale sobre a *object-oriented philosophy*, Ray Brassier chega a acusar Harman da invenção de um novo gênero: “philosophy-marketing” (Wolfendale, 2014, p. 411). Sem dúvida, existe um elemento “espetaculoso” em torno do movimento: sua rápida popularização, sua ocupação contínua de espaços extra-acadêmicos, mas de grande visibilidade (como o *Transmediale*, o festival de arte eletrônica de Berlim), e sua associação com a ideia de uma “intellectual fad”<sup>2</sup> fazem do realismo especulativo não somente um fenômeno acadêmico, mas também comunicacional. Como nos ensina a teoria das “materialidades da comunicação”<sup>3</sup> (e, antes dela, McLuhan), uma mensagem não pode ser desvinculada do suporte através do qual é veiculada.

É claro que os proponentes do realismo especulativo, assim como seus apoiadores e detratores, publicam livros e organizam debates em universidades. Aliás, é bastante impressionante a quantidade de obras já publicadas sobre o tema em tão pouco tempo (pouco mais de 10 anos). Todavia, foi entre blogs e sites na internet que se travaram as principais discussões e articulações do movimento. Bryant, Srnicek e Harman evocam, inclusive, a experiência prévia do CCRU, o *Cybernetic Culture Research Unit*, em meados dos anos 1990,

<sup>2</sup> Veja-se, por exemplo, o *thread* iniciado no site *Reddit* em 2010: “Speculative Realism – ‘serious’ philosophy or incoherent fad? What do you think?”. Disponível em

<[https://www.reddit.com/r/philosophy/comments/9qns3/speculative\\_realism\\_serious\\_philosophy\\_or/](https://www.reddit.com/r/philosophy/comments/9qns3/speculative_realism_serious_philosophy_or/)>

<sup>3</sup> Cf. Gumbrecht & Pfeiffer, 1994.

como um antecedente importante: “a criatividade e produtividade desse coletivo se deveu, em grau significativo, à sua construção de um espaço fora das restrições da academia tradicional” (2011, p. 6). Se a utilização desses espaços representa, de fato, um ganho em termos de democratização do saber, diálogo entre pesquisadores e aperfeiçoamento da *scholarship* é uma questão que devemos deixar ainda em aberto. Mas por que faz sentido, inclusive de um ponto de vista, digamos, “filosófico”, marcar decididamente a conexão entre realismo especulativo e a internet como plataforma de divulgação? Acima de tudo, parece-me, porque os *filosofemas* característicos do movimento se alinham com formas cognitivas e ideologias que estão profundamente ligadas às tecnologias digitais desde suas origens históricas.

A era digital trouxe toda uma nova dimensão de problemáticas envolvendo a relação do homem com a tecnologia, a emergência de questões como o pós-humanismo, os “novos” materialismos, o questionamento de certos modos de distinção tradicionais entre “real” e “virtual”, a desconstrução de postulados antropocêntricos – todos tópicos com os quais o realismo especulativo e a ontologia dirigida aos objetos estão, direta ou indiretamente, envolvidos. Exemplo claro dessa espécie de conexão pode ser encontrado no trabalho recente de Levi Bryant, que se propõe a produzir uma “onto-cartografia” de máquinas e meios (2014). De fato, no capítulo intitulado “Towards a post-human media ecology”, Bryant conjuga o tema do pós-humanismo à questão da necessidade de um novo olhar sobre a problemática da tecnologia: “Mídias – o que aqui tenho chamado de ‘máquinas’ – são formativas da ação humana, relações sociais e *design* em uma variedade de aspectos que não se originam simplesmente dos próprios humanos” (2014, p. 22). Bryant retoma, inclusive, a noção de “alien phenomenology” (p. 62), desenvolvida por Ian Bogost<sup>4</sup>, para sugerir modos de investigação sobre como outras entidades (não-humanas) experimentam o mundo em seu entorno – uma espécie de “observação de segunda ordem”, no sentido que Luhmann atribui ao termo (Cf. 1995).

Ocorre que o realismo especulativo e a OOO nasceram de um desejo de superar a tradicional perspectiva antropocêntrica das nossas formas de saber, buscando dirigir atenção especial ao mundo das coisas e objetos. Na verdade, esse renovado interesse pelo mundo das coisas parece constituir um aspecto mais amplo da cena acadêmica contemporânea, da qual o

---

<sup>4</sup> Ian Bogost se alinha com as propostas da OOO, sendo um dos interlocutores mais frequentes e próximos de Graham Harman. Seu campo de pesquisa principal são os vídeo-jogos.

movimento filosófico de que aqui tratamos compõe apenas uma parte. Bruno Latour está na linha de frente dessa “virada objetual”, mas ela tem sido propugnada por vários autores nos mais diferentes *fronts* intelectuais. Na Alemanha, por exemplo, a coleção de ensaios intitulada *Die Wiederkehr der Dinge (O retorno das coisas, 2011)*, assim como o pequeno livro de Dorothee Kimmich, *Lebendige Dinge in der Moderne (Coisas vivas na modernidade, 2011)*, e a coletânea *Cinematographic objects (2015)* dão testemunho da curiosidade contemporânea em relação aos objetos. Em certo sentido, essas abordagens respondem ao apelo, feito por Hans Ulrich Gumbrecht já em 1994, por teorias que possam integrar “formas de auto-referência humanas” que sejam “menos antropocêntricas”, “menos anti-tecnológicas” e “menos transcendentais” (1994, p. 392). Desse modo, não é casual o interesse que o pensamento de Latour vem despertando entre pesquisadores de comunicação, inclusive no Brasil (Cf. Lemos, 2013; Santaella, 2016). Tal virada se dá, também, paralelamente a uma preocupação especial com a dimensão material dos meios de comunicação, como se pode observar nos trabalhos do próprio Gumbrecht, mas também nos chamados pensadores da “teoria da mídia alemã” (Friedrich Kittler, Bernhard Siegert, Wolfgang Ernst etc). Stefan Munker chega a apontar o que define como uma “virada medial” da filosofia, na qual os meios já não são vistos como simples transmissores de informação, mas sim como constitutivos de nossa relação com o mundo e, portanto, como marcos fundamentais das condições transcendentais do pensamento (2009, p. 20).

Para o realismo especulativo, esse direcionamento aos objetos se dá como consequência do projeto de superar o que Quentin Meillassoux chamou de “correlacionismo”, ou seja, um postulado intelectual no qual a filosofia vem operando a partir de Kant, e que consiste em reduzir todo ente à correlação que se estabelece entre sujeito e objeto. Nas palavras do próprio Meillassoux, trata-se da “ideia segundo a qual nós sempre temos acesso somente à correlação entre pensamento e ser, a nunca a qualquer um dos termos considerado separadamente do outro” (2009, p. 5). Vários intérpretes concordam que o diagnóstico de Meillassoux é potente e habilidoso. Mesmo antes da noção de correlacionismo emergir, Graham Harman havia estruturado seu tratado *Guerrilla metaphysics (2005)*<sup>5</sup> partindo da problemática do *acesso humano às coisas*, uma petição de princípio que, segundo ele, uniria as tradições analítica e

---

<sup>5</sup> O original francês de *After finitude (Après la finitude)* foi publicado em 2006; *Guerrilla metaphysics*, em 2005.

continental em filosofia. Em outras palavras, ambas estariam mais interessadas nas formas de acesso humano ao mundo do que nos objetos do mundo.

Desse modo, toda a fenomenologia, não importa de que extração seja, faz desaparecer a realidade das entidades como forças genuínas a serem consideradas no mundo, como legítimos agentes “exercendo influência para fora de si mesmos, ainda que se escondendo por trás de suas superfícies expostas” (Harman 2005, p. 11). Lembro-me do fascínio com a leitura dessas linhas, mas ao mesmo tempo da decepção ao descobrir a alternativa proposta. Ou seja, o mistério parecia mais interessante que a solução do mistério. A partir de um diagnóstico preciso, o receituário de Harman soava vago demais: a “filosofia quádrupla”, com sua “causação vicária”, sua “allure”, sua noção de permanente afastamento (*withdrawal*) das coisas não oferecia uma saída satisfatória. Permanecia aberta, a meu ver, a questão essencial: como efetivamente operar um retorno às coisas, uma autêntica “ontologia dirigida aos objetos” sem passar pelo imperioso filtro da subjetividade humana? Alguns anos depois, Ian Bogost iria formular claramente essa questão em seu exercício de “fenomenologia alienígena”: “Uma vez que estejamos ‘mesmerizados’ pelos objetos no mundo, como poderemos proceder para entender algo sobre percepção interobjectual?” (2012, p. 65). Sua resposta, mesmo que seguindo muito de perto os raciocínios de Harman, dá alguns passos adiante. Na ideia de “metaforismo”, desenha-se o esboço de um método para investigar os objetos<sup>6</sup>. Método que reconhece a inevitabilidade do “centrismo” de qualquer ponto de vista (seja antropto/centrismo ou outro); método atravessado por noções – como as do “alienígena” e do “espanto” (*wonder*) – que me parecem apontar para aspectos importantes de um possível exercício de observação menos centrado no humano.

Todavia, é ainda num terceiro autor que sugiro buscar uma proposição metodológica mais satisfatória. Trata-se de uma teórica que, curiosamente, não se vincula diretamente ao movimento do realismo especulativo, e que é mais conhecida por seus trabalhos sobre tecnologia digital e o tema do pós-humano. Mais curiosamente ainda, ela desenvolve suas sugestões a partir de um pensador e de um livro que têm absorvido intensamente minha atenção nos últimos anos: Vilém Flusser e seu exótico *Vampyroteuthis Infernalis* (1987)<sup>7</sup>. No

<sup>6</sup> “Em um sentido literal, o único modo de efetivar a fenomenologia alienígena é por analogia” (Bogost 2012, p. 64).

<sup>7</sup> A data de publicação aqui é a da edição original alemã. Como se sabe, era uma prática corrente de Flusser traduzir seus próprios textos em outras línguas. O arquivo Flusser de Berlim encontrou entre seus manuscritos

quinto volume da revista *Speculations*, dedicada precisamente à discussão de problemas relacionados ao realismo especulativo e à OOO, Katherine Hayles apresenta um artigo no qual propõe o desenvolvimento de uma “estética especulativa”. Partindo da premissa evidente que toda a teoria estética é predicada na percepção humana, Hayles se pergunta como seria possível formular uma outra estética na qual diferentes seres ou objetos inanimados poderiam ser incluídos. Hayles nos oferece, inclusive, uma relevante crítica da abordagem de Harman, ao questionar sua vaga noção de “allure” (as qualidades sensuais de um objeto): o que significa, afinal de contas, esse “deslumbramento” que, por exemplo, o fogo experimentaria em sua relação com o algodão? No sentido de ir além dessa terminologia insuficiente, Hayles sugere a elaboração de uma “perquirição dirigida aos objetos” (*Object-Oriented Inquiry* - OOI) a partir de dois textos que se sobrepõem, mas também divergem parcialmente: precisamente a *Fenomenologia Alienígena*, de Bogost, e *Vampyroteuthis Infernalis*, de Flusser. O que ela encontra de interessante em Flusser – e que jamais poderia estar presente em Harman ou Bogost – é uma técnica que “envolve projetar a imaginação humana no outro não-humano e, assim, longe de escapar do antropomorfismo, nele se delicia, ainda que numa forma complexa que simultaneamente tanto o reforça quanto o mina” (2014, p. 160).

Hayles descreve o conteúdo desse estranho livro de Flusser, cujo protagonista é uma lula que habita as profundezas do oceano (a “lula-vampiro do inferno”) e que funciona como uma espécie de espelho invertido do humano. Ela é ao mesmo tempo uma alegoria de certos aspectos de nossa experiência e o retrato de uma entidade completamente alienígena e distante de nossa experiência de mundo. É na apresentação da “cultura” e da “arte” de *Vampyroteuthis* que, segundo Hayles, o método projetivo de Flusser se mostra mais produtivo. Essa estranha aproximação da arte e da cultura – domínios tradicionalmente considerados como exclusivos do humano – à “lula-vampiro do inferno” permite a Flusser tecer certos *insights* interessantes a respeito de nossas relações com a tecnologia e com nossos semelhantes. Certo, tais *insights* poderiam ser alcançados mesmo sem a utilização dessa complexa alegoria, porém, “o caminho através da comparação resultou em uma *desnaturalização das pressuposições humanas*, permitindo uma posição crítica quanto a assunções sobre estética e muitas outras coisas” (2014, p. 166, grifos meus). O método

---

versões em português e francês do mesmo ensaio. A versão em português foi publicada somente em 2011, pela editora Annablume.

consiste, pois, numa espécie de extrapolação a partir de uma base científica (aquilo que a ciência sabe do *Vampyroteuthis*) conjugada a projeções imaginativas visando entender a criatura não apenas em termos científicos, mas também “da sua própria experiência fenomenológica do mundo” (ibid.). Para Hayles, mais importante do que a suposta atração que um objeto emana para outros, como sugerem Harman ou Bogost, é a *resistência* que eles oferecem às manipulações e formas de entendimento humanas (uma ideia profundamente flusseriana). É exatamente na interseção entre os tipos de engajamentos que os objetos nos oferecem a partir de sua resistência (e que nos força a investigá-los a partir de variados pontos de vista) e a possibilidade de projeções imaginativas humanas em seus mundos que se desenvolve a “perquirição dirigida aos objetos” de Hayles.

Partimos do corpo de conhecimento oferecido pela ciência, mas o extrapolamos através de especulações a respeito de como um determinado ente experimenta o mundo. Elemento-chave da equação, portanto, a *imaginação* adquire aqui uma dimensão epistemológica. Pelo fato de que todos os seres e objetos exibem certa coerência interna, torna-se possível desenvolver “narrativas que têm eficácia causal e *preditiva*” (2014, p. 172, grifos meus). Claro, isso não significa que as narrativas desenvolvidas possam exaurir todos os modos de existência de um objeto no mundo. Ainda que Flusser possa ser acusado de certo viés humanista romantizado ao construir *Vampyroteuthis* como um outro do humano, ele conquista “interpretações provocativas” que permaneceriam de outro modo “opacas” (ibid., p. 174). Trata-se, acredita Hayles, de uma proposição semelhante à que Jane Bennett elabora em seu livro *Vibrant matter* (2010): nós, humanos, temos a capacidade de nos projetar imaginativamente em outras entidades, e isso envolve uma dimensão estética. Em outras palavras, mesmo que os objetos se subtraíam (*withdraw*) continuamente à nossa tentativa de apreendê-los, ainda podemos dizer muitas coisas sobre suas qualidades reais. Claro, isso envolve um poderoso, mas também produtivo paradoxo:

a imaginação humana é a melhor maneira, talvez a única maneira, de se mover para além do antropocentrismo em direção a um entendimento mais nuançado do mundo enquanto composto de uma multidão de visões de mundo<sup>8</sup>, incluindo aquelas dos outros organismos biológicos, artefatos feitos pelo homem e objetos inanimados (ibid., p. 176).

<sup>8</sup> Sinto-me tentado a traduzir “world views”, aqui, como “pontos de vista” antes que “visões de mundo”, dada a importância que essa noção exerce, creio, em qualquer tentativa de constituição de um olhar não-humano – sem falar no papel fundamental que desempenha em Flusser. Quiçá, também, na obra de Eduardo Viveiros de Castro.

Desse modo, o *empoderamento da imaginação humana* desempenha um papel fundamental em qualquer proposta de pensar uma estética (ou mesmo uma epistemologia?) de caráter não-antropocêntrico. De fato, tudo indica que nós, humanos, somos particularmente hábeis na arte dessas projeções imaginativas. Entretanto, isso não significa que devemos reestabelecer o *especismo* humano na ordem do mundo. Na verdade, se necessitamos dessa habilidade é precisamente por causa de nossa tendência de continuamente nos considerarmos como especiais. Ela seria, portanto, componente fundamental para o combate do nosso antropocentrismo inato, uma espécie de mecanismo compensatório necessário.

Apesar da extrema juventude do realismo especulativo, já se pode contar com algumas análises abrangentes, visando não apenas descrições mais precisas do movimento, senão o apontamento de suas possíveis deficiências e contradições. Talvez uma das recensões mais competentes nesse sentido seja o ensaio de Louis Morelle, *Speculative Realism: After Finitude and Beyond?* (2012). Sua leitura, ainda que bastante difícil, é recomendável a todo aquele que tem interesse em obter um conciso panorama do realismo especulativo e da OOO. Todavia, em vez de nos debruçarmos sobre as minúcias filosóficas do movimento (o que demandaria muito mais que o espaço permitido por este artigo), parece mais interessante explorar algumas de suas possibilidades para certos domínios das ciências humanas e, mais especificamente, para o campo da comunicação. O complemento às proposições da OOO acima descrito por referência ao artigo de Hayles parece um bom começo, inclusive por partir de um pensador que é identificado, com frequência, como “teórico da comunicação”. De fato, boa parte da obra de Flusser é dedicada a compreender os mecanismos da comunicação humana, nossas formas de relação com os meios e as transformações que tais meios efetivam sobre o humano (o que nos leva ao tema do pós-humanismo). E trata-se de uma obra na qual a noção de “ficção filosófica” efetua, ao menos parcialmente, as possibilidades de uma estética especulativa. Ora, vale lembrar que as problemáticas da materialidade dos meios, da distribuição de agência pelo universo das coisas e do descentramento do humano sempre tiveram posição de destaque nos escritos de Flusser. Mais que isso – algo que me parece ter sido continuamente ignorado pelos intérpretes do pensador –, seu singular estilo de escrita e argumentação nos confronta continuamente com uma forma de apresentação dos seres e coisas que é da ordem de uma quase *palpabilidade*. Suas descrições, ao mesmo tempo poéticas e enraizadas na materialidade

do mundo, produzem efeitos que se aproximam, creio, de certas pretensões do realismo especulativo. No capítulo sobre o cedro em *Natural: Mente*, após despir a árvore da série de imagens e preconceitos humanos que a cercam, Flusser termina por apelar para sua “estranheza e estrangeiridade”. Se é impossível sair de nosso círculo antropocêntrico, por que não convocar um elemento que talvez unifique a experiência do cedro com a do observador? E em vez de lançar mão de respostas, por que não estruturar a investigação na forma de perguntas: “Quem sabe, certas respostas não poderão ser provocadas no próprio cedro? Perguntas provocantes que fazem o cedro falar” (1979, p. 43). O cedro em questão se trata de uma árvore transplantada artificialmente de seu *habitat* natural para um parque francês. Após uma série de movimentos contraditórios, nos quais se sai e se retorna continuamente ao homem, Flusser conclui: “Estrangeiro (e estranho)<sup>9</sup> é quem afirma seu próprio ser no mundo que o cerca. Assim, dá sentido ao mundo, e de certa maneira o domina” (1979, p. 47).

Há uma dimensão de resistência, de *irredutibilidade* no cedro, algo que Flusser identifica com a noção de estranheza. É verdade que, como vítima de seus incuráveis resíduos humanistas, Flusser frequentemente limita o alcance de seu método experimental e imaginativo. No campo da comunicação, sua reflexão sobre os meios parte de uma concepção cibernética e matemática, tornando os conteúdos (semânticos) das mensagens menos importantes que a estrutura, as formas e os meios como essas mensagens são veiculadas. Em seu ensaio sobre “Meios de Comunicação”, Flusser sugere que o campo de pesquisas no qual os comunicólogos operam deveria “incluir todos os objetos” (2016, p. 46), e não apenas aqueles que tradicionalmente entendemos como meios. Quando, em seguida, trabalha com a imagem da parede da prisão, na qual o prisioneiro produz um registro de sua captura, Flusser desenvolve a tese de que a mensagem resulta da interferência entre esse uso humano do objeto e as demandas do próprio objeto. “Claro, a parede tem a sua própria estrutura objetiva, aquela das pedras, que foram ordenadas de uma forma específica. E essa estrutura irá interferir com a que foi mexida [pelo prisioneiro]” (Flusser 2016, p. 47). Com efeito, para Flusser, qualquer objeto em nosso entorno pode servir como um meio de comunicação (ibid, p. 53). Por aí se percebe a importância que o conceito de *relação* adquire no pensamento flusseriano.

---

<sup>9</sup> Poder-se-ia ainda dizer: “alienígena”.

Se para Harman, McLuhan é verdadeiramente um filósofo por colocar a questão da relação entre fundo (*ground*) e figura (*figure*) em termos que se sobrepõem aos da OOO (Harman, 2016), eu diria que Flusser é um (hesitante e incompleto) praticante do realismo especulativo por suas repetidas tentativas de corroer o antropocentrismo e caracterizar os meios como complexos agregados de sentido e materialidade. Nesse sentido, aproxima-se de noções que Levi Bryant desenvolve, por exemplo, em sua onto-cartografia:

Meios tecnológicos, o *layout* de estradas, rios e linhas de força, tornados e furacões, recursos e assim por diante, todos desempenham um papel significativo na forma que agregados sociais (*social assemblages*) tomam como comunicações. Comunicações são apenas um elemento entre outros nos agregados sociais (2014, p. 122).

As teias de relações complexas entre humanos e objetos de toda natureza formam uma legítima “ecologia” para a qual os estudos de comunicação devem estar atentos. No contexto brasileiro, tal espécie de preocupação emergiu inicialmente através da leitura da obra de Bruno Latour. André Lemos, por exemplo, partiu de Latour e de Harman para desenvolver as teses do livro *A Comunicação das Coisas: Teoria Ator-Rede e Cibercultura* (2013). Entretanto, é a Lúcia Santaella e seu grupo de pesquisa *Transobjetos* que se deve a mais abrangente e contínua difusão das ideias do realismo especulativo no Brasil<sup>10</sup>.

Tanto o pensamento de Latour quanto as teses do realismo especulativo vêm encontrando acolhida, ainda que tímida, nos domínios da comunicação e dos estudos de mídia, especialmente no campo da cultura digital. Steven Shaviro e Alexander Galloway, por exemplo, engajaram-se intensamente em seus debates. Para Shaviro, contudo, o filósofo Alfred North Whitehead antecipa o realismo especulativo e talvez ofereça alternativas mais interessantes que as postuladas atualmente pelo movimento (2014). Galloway, por sua vez, prefere alinhar-se ao pensamento do filósofo francês François Laruelle<sup>11</sup>, dado que as figuras mais tradicionalmente associadas ao movimento pecariam por desconsiderarem importantes aspectos políticos em nome de uma ontologia “achatada” (Cf. Galloway, 2013, 2014). O que

<sup>10</sup> Lucia Santaella foi uma parceira fundamental do projeto *A Vida Secreta dos Objetos*, materializado inicialmente em 2012, na forma de uma grande conferência internacional realizada no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Fortaleza sob minha coordenação. Contando com a participação de Bruno Latour e Graham Harman, o evento representou um marco na introdução das ideias do novo movimento filosófico no Brasil. O tema das *ecologias da mídia* foi tópico da segunda edição do simpósio, realizada no Rio de Janeiro e São Paulo, em agosto de 2015. O website do grupo de Santaella, importante fonte de informações sobre realismo especulativo e OOO, encontra-se em

<<https://transobjeto.wordpress.com/>> [Último acesso em 16 jul. 2018.](#)

<sup>11</sup> A quem Louis Morelle define, em seu artigo, como praticante de um “nihilismo normativo” ou transcendental (2012, p. 257).

realmente importa destacar é que o realismo especulativo nasce em um clima intelectual favorável a empresas que tenham em seus pressupostos uma defesa do realismo, da materialidade das coisas, da ressignificação do conceito de agência e da desconstrução dos postulados antropocêntricos. Dentre esse conjunto de problemas, o mais importante talvez seja o tema da “objetualidade” (se me é permitido empregar tal neologismo). Como argumenta Brenton Malin, “a questão do objeto da comunicação conquistou nova importância por meio de trabalhos recentes debatendo o status dos objetos enquanto tais” (2016, p. 1). Malin subscreve parcialmente as críticas de Galloway, mas afirma que o problema do realismo especulativo não é tanto o desprezo da política quanto o fato de ignorarem importantes aspectos da realidade material dos objetos (que supostamente se propõem a defender).

A redução da realidade a construtos discursivos no pós-estruturalismo roubou dos objetos a possibilidade de uma voz autônoma. O mundo passa a ser filtrado pela linguagem, e as coisas perdem materialidade. Malin sugere que esse tipo de argumento é bastante familiar aos estudiosos da mídia. O problema do realismo especulativo, contudo, é o fato de obscurecer excessivamente as redes de relações estabelecidas entre as coisas (ou entre as coisas e os humanos) para buscar continuamente um foco nas *próprias coisas*. O que temos aqui, afirma Malin, é uma “ontologia dos objetos explicitamente anti-social” (2016, p. 9). Coincidentemente, Malin também apela ao *Vampyroteuthis Infernalis* flusseriano para defender a noção de que, se tentamos analisar a lula *fora da rede de relações* que compõe com seu meio ambiente, estaremos lidando apenas com uma ideia abstrata da criatura em lugar da “própria coisa”. Para Malin, o desprezo do realismo especulativo pelo social tem implicações especialmente importantes quando tecnologias midiáticas estão envolvidas (ibid., p. 11). As análises que Levi Bryant faz dos videogames ou da indústria de notícias ilustram perfeitamente essas deficiências, segundo Malin. Desse modo, o realismo especulativo precisa se dar conta de que o fato de forças políticas econômicas existirem em *formas discursivas* como sistemas monetários, índices televisivos ou estratégias de propaganda não deveria impedi-las de serem percebidas como os objetos que efetivamente são (ibid., p. 15). A materialidade “incorporal” dessas entidades não é menos significativa ou importante que a materialidade palpável de um muro.

Apesar de todos esses reparos, Malin crê que existe valor em “pensar sobre objetos de comunicação em termos ontológicos similares àqueles desenvolvidos pelos pensadores orientados a objetos” (ibid.). Para isso, no entanto, Malin sugere uma abordagem que classifica

como “onto-materialismo”, e que se propõe estar atenta tanto ao importante papel que os objetos não-discursivos desempenham quanto aos discursivos.

Lulas-Vampiro suportam pressões aquáticas que shows de televisão não enfrentam, e shows de televisão suportam pressões político-econômicas que as lulas-vampiro não enfrentam. Todavia, tantos programas midiáticos como criaturas marinhas interagem com seu meio ambiente em formas que simultaneamente moldam tais ambientes e são refratadas de volta através de seu ser como um programa particular ou uma criatura. Ignorar essas interações e pressões significa não compreender a natureza fundamental desses objetos e seu lugar no mundo (ibid., p. 17).

Em meio a esse complexo debate, talvez a constatação mais importante seja o fato de que a teoria da comunicação ainda necessita se envolver mais seriamente com a materialidade (corporal e incorporeal) das tecnologias que usamos para nos comunicar. Se nos concentramos, durante largo tempo, na interpretação das mensagens que circulam pela sociedade, agora é tempo de pensar os modos como a materialidade propriamente técnica dos meios impacta nossa realidade. Se alguns consideram exagerado afirmar, com Kittler, que “os meios determinam nossa situação” (1986, p. 3), que possamos ao menos experimentar, com Flusser, a hipótese de que a estrutura da comunicação seja a estrutura da realidade humana, e que, com isso, a realidade chamada “homem” está se transformando (2016, p. 156). O que esse homem se tornará ainda não sabemos. Sabemos, todavia, que não pode continuar a se enxergar no topo da hierarquia ontológica. Antes, deverá pensar o mundo em uma dimensão radicalmente ecológica, radicalmente complexa e entrelaçada, radicalmente alienígena. Nesse sentido, a lula-vampiro do inferno possivelmente tem lições importantes a nos oferecer.

### Referências bibliográficas

BALKE, Friedrich; MUHLE, Maria; VON SCHÖNING, Antonia (orgs.). *Die Wiederkehr der Dinge*. Berlin: Kadmos, 2011.

BENNETT, Jane. *Vibrant Matter: a Political Ecology of Things*. Durham: Duke University Press, 2010.

BOGOST, Ian. *Alien Phenomenology, or, What it's Like to be a Thing*. Minneapolis: Minnesota University Press, 2012.

BRYANT, Levi R. *Onto-Cartography: an Ontology of Machines and Media*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

FLUSSER, Vilém. *Natural: Mente: Vários Acessos ao Significado da Natureza*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vampyroteuthis Infernalis*. Göttingen: European Photography 2002 (1987).

\_\_\_\_\_. *The Surprising Phenomenon of Human Communication*. London: Metaflux Publishing, 2016.

GALLOWAY, Alexander. "The Poverty of Philosophy: Realism and Post-Fordism", In *Critical Inquiry* v. 39, n. 2, Chicago: University of Chicago Press, 2013.

\_\_\_\_\_. *Laruelle, Against the Digital*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.

GRATON, Peter. *Speculative Realism: Problems and Prospects*. London: Bloomsbury, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich & PFEIFFER, Ludwig (orgs.). *Materialities of Communication*. Stanford: Stanford University Press, 1994.

HARMAN, Graham. *Guerrilla Metaphysics: Phenomenology and the Carpentry of Things*. Chicago: Open Court, 2005.

\_\_\_\_\_. "McLuhan as Philosopher". In FELINTO, Erick; MÜLLER, Adalberto; MAIA, Alessandra (orgs.). *A Vida Secreta dos Objetos*. Rio de Janeiro: Azougue, 2016.

HAYLES, Katherine. "Speculative Aesthetics and Object-Oriented Inquiry (OOI).", In *Speculations: A Journal of Speculative Realism*, v. 5, New York: Punctun Books, 2014.

KIMMICH, Dorothee. *Lebendige Dinge in der Moderne*. Konstanz: Konstanz University Press, 2011.

KITTLER, Friedrich. *Grammphon, Film, Typewriter*. Berlin: Brinkmann & Bose, 1986.

LEMOS, André. *A Comunicação das Coisas: Teoria Ator-Rede e Cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

LUHMANN, Niklas. *Social Systems*. Stanford: Stanford University Press, 1995.

MALIN, Brenton J. "Communicating with Objects: Ontology, Object-Orientations, and the Politics of Communication", In *Communication Theory*, v. 26(3), Austin: University of Texas, 2016.

MEILLASSOUX, Quentin. *After Finitude: an Essay on the Necessity of Contingency*. London: Continuum, 2009.

MORELLE, Louis. "Speculative Realism: After Finitude and Beyond?", In *Speculations: A Journal of Speculative Realism*, v. 3, New York: Punctun Books, 2012.

MÜNKER, Stefan. *Philosophie nach dem "Medial Turn": Beiträge zur Theorie der Mediengesellschaft*. Bielefeld: Transcript, 2009.

NIEMOCZYNSKI, Leon. *Speculative Realism: an Epitome*. Leeds: Kismet Press, 2017.

PANTENBURG, Volker. *Cinematographic Objects: Things and Operations*. Berlin: August Verlag, 2015.

SANTAELLA, Lucia. *Temas e Dilemas do Pós-Digital*. São Paulo: Paulus, 2016.

SHAVIRO, Steven. *The Universe of Things*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.

SRNICEK, Nick; BRYANT, Levi; HARMAN, Graham. *The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism*. Melbourne: Re.Press, 2011.

WOLFENDALE, Peter. *Object-Oriented Philosophy: The Noumenon's New Clothes*. London: Urbanomic, 2014.